**SAMGUK YUSÁ, Mitos e Lendas da Coreia**

Tradução do original (escrito em ideogramas): Un Gi Ko e Seon-Gyeong Choi

Adaptação: Jeong Oh Seo

Ilustrações: Man Ik Lee

**Dangun Uamgóm, filho de Ruanum e Umnió[[1]](#footnote-1)**

Essa história é de muito tempo atrás, um tempo muito muito remoto, de quando não havia ainda reino nenhum sobre a terra.

Dentre os filhos de Ruanin, o rei de Reino do Céu, havia um filho chamado Ruanum.

Mesmo vivendo no Reino do Céu, o coração de Ruanum sempre quis conhecer a terra dos homens e desejava, algum dia, descer à terra para governá-los. Então, seu pai, o rei Ruanin, resolveu atender o desejo do filho e procurar um bom lugar na terra para ele descer. Olhando para baixo, aqui e ali, sobre a terra dos homens, achou que a região chamada de Samuí Tebék, com três picos bem altos dos Montes Tebék era um bom lugar. Ali seria o ponto ideal para levar e propagar o bem entre os homens. Assim, entregou *tchón-bu-in* ao filho Ruanum, que são três símbolos reais do Reino do Céu, e o fez descer ao mundo dos homens. Que símbolos são esses? São o espelho, a espada e o guizo.

E foi assim que Ruanum desceu ao mundo dos homens. Mas não veio sozinho. Trouxe consigo uma legião de três mil súditos cedidos pelo pai. E foi no topo dos Montes Tebék, escolhido pelo pai Ruanin, que desceram, pela árvore sagrada Sindansu. Assim que desceu, chamou aquele lugar de Sinsi, que significa “a cidade sagrada”, e se proclamou Rei Celestial Ruanum.

Dentre a multidão que o seguiu, o Rei Celestial Ruanum escolheu três anciãos que sabiam governar o vento, a chuva e as nuvens, e os nomeou como seus ministros para começar a governar o mundo dos homens. Lavrar a terra, proteger a vida, tratar as doenças, castigar os crimonosos, distinguir o certo do errado…., enfim, ele zelava por mais de 360 assuntos necessários para a vida dos homens, cuidando-os e educando-os.

Nessa época, numa caverna ali perto, viviam uma ursa e um tigre. Ao observar a vida dos homens, a vida deles pareceu-lhes ser muito boa. Assim, os dois animais desejosos de se tornarem também homens, foram rogar ao sagrado Rei Celestial Ruanim:

-- Querido Rei Celestial, amado Rei Celestial, com todo o ardor, vimos pedir que nos façam humanos...

Ruanum ouviu a prec e deu a eles um punhado da sagrada erva da moxa e vinte cabeças de alho, instruindo-os:

 -- Se vocês passarem cem dias comendo essas duas coisas, sem ver a luz do sol, poderão facilmente se tornar humanos.

A partir desse dia, a ursa e o tigre se enfiaram na caverna e passaram os dias comendo apenas a erva da moxa e o alho. Suportaram a prova cuidando-se para não ver os raios de sol e, ao cabo de cem dias, a ursa que aguentou bem e perseverou, tornou-se, finalmente, uma mulher. Mas o tigre não conseguiu persistir por tanto tempo e não pode se tornar homem.

Assim, a ursa tornada mulher foi chamada de Umnió, que significa “Mulher-ursa”. Passado um tempo, ela teve o desejo de ter uma criança, como as outras mulheres. Mas isso não era possível, pois não havia se casado ainda! Depois de matutar muito, ela foi se ajoelhar na árvore sagrada Sindansu e implorou, dia após dia, para que pudesse ter uma criança. Então, Ruanum, que a observara, tornou-se homem por uns instantes e se casou com a Umnió. Logo depois, a Mulher-ursa teve uma criança, que é o Dangun Uamgóm.

Ao se tornar adulto, Dangun Uamgóm, filho de Ruanum e Umnió, escolheu o castelo de Pióm-Iám como capital e erigiu o seu reino, chamando-o de Josón, que significa “Manhã Calma”. Esse é o primeiro reino erigido sobre a nossa terra coreana. Depois de um tempo, o rei mudou a capital para um lugar chamado Asadár, nos Montes Begak. Esses montes também levam um outro nome, Montes Gumrorsan ou ainda Gummidár. Neste lugar, Dangun Uamgóm viveu por nada menos que mil e quinhentos anos governando o seu povo. Ao final, mudou-se para um lugar chamado Jamdanguióm, mas logo voltou para Asadár, onde viveu escondido. Dizem que ele viveu por muito muito tempo, até se transformar em um espírito da montanha, quando fez 1.908 anos.

**O Rei Gumuá que saiu de debaixo de uma pedra**

Antigamente, havia um reino ao norte chamado Buió do Norte. O rei se chamava Reburu, que tinha entre os súditos um homem que se chamava Aranbur.

Um dia, Aranbur estava dormindo, quando, em meio ao sonho, o rei do Reino do Céu desceu à terra e lhe disse:

-- Escute, logo um filho meu virá para cá e erigirá um reino. Por isso, vocês devem ir viver em outro lugar. Às margens do Mar do Leste, há um lugar chamado Gassóbuón, onde a terra é boa, um bom lugar para se tornar uma capital.

Quando acordou, Aranbur foi correndo contar o sonho para o Rei Reburu. Contou que o rei do Reino do Céu aparecera em seu sonho e disse isso e aquilo, e que seria bom obedecer. O Rei Reburu também achou que as palavras dele eram sérias e mudou imediatamente a capital para Gassóbuón, às margens do Mar do Leste. E também mudou o nome do reino para Buió do Leste, pois haviam se mudado para o leste.

O Rei Reburu não tinha filhos até ficar velho. Por isso, sempre que tinha um tempinho, prestava um ritual para os céus rezando para ter um filho. Um dia, o Rei estava cavalgando por uma área que tinha uma vista maravilhosa, procurando mais um bom lugar para rezar por um filho, quando chegou às margens de um grande lago. De repente, o cavalo em que estava montado começou a verter lágrimas e a relinchar tristemente. Quando o observou atentamente, viu que o cavalo chorava olhando em direção a uma grande rocha na beira do lago.

-- O que será que tem debaixo daquela pedra, que esse cavalo chora tão tristemente?

O Rei achou estranho e ordenou aos súditos que levantassem a rocha. E então, viu que havia uma criança ali. Era um menino, com o rosto parecendo um sapo e o corpo todo cintilando com um brilho dourado. Ao vê-lo, o Rei se alegrou e disse:

-- Oh, foi o rei do Reino do Céu que me enviou um filho!

Levou a criança para o seu palácio e o criou com muito carinho. Chamou-o de Gumuá, que significa “Sapo Dourado”, pois a criança parecia um sapo de ouro.

Gumuá cresceu forte sem doença ou acidente. O Rei Reburu não esperou para fazê-lo príncipe regente. E depois que o Rei Reburu morreu, Gumuá o sucedeu, tornando-se rei de Buió do Leste. Este é o Rei Gumuá, o próprio. Depois do Rei Gumuá, Desô o seguiu no trono, mas, em seguida, o Rei Muiór de Gogurió atacou Buió do Leste, matando o Rei Desô, e levando à ruína o Buió do Leste.

**Jumom, que atrevessou o rio sob as costas de peixes e tartarugas**

Essa é uma história que aconteceu depois que o Rei Reburu de Buió do Norte se mudou para Buió do Leste, às margens do mar do Leste, morreu, e o seu filho Gumuá o sucedeu no trono.

Um dia, o Rei Gumuá passava pela beira de um rio chamado Ubarsu, ao sul dos Montes Tebék, quando viu uma moça sentada chorando sozinha. Perguntou a ela o que havia acontecido, ao que a moça respondeu:

-- Sou filha de Rabék, o deus da água, e me chamo Iurruá. Uns dias atrás, eu vim até o rio com as minhas irmãs, quando apareceu um moço que se dizia ser Remosu, filho do rei do Reino do Céu, e me levou com ele. Ele me levou para uma casa que ficava na beira do Rio Amnok, debaixo do Monte Umsin. Foi ali que eu e o Remosu passamos uma noite e, depois disso, ele se foi e nunca mais voltou. Os meus pais me repreenderam porque fui atrás de um estranho sem mesmo ter me casado e me mandaram em exílio, e é por isso que estou aqui.

Foi a resposta da moça.

O Rei Gumuá ouviu-a e achou que não se tratava de um acontecimento ordinário, levando então a Irruá para o seu palácio. Trancou-a no fundo de um quarto bem escuro, mas um raio de sol penetrou no quarto e ficou perseguindo-a. Quando ela se esquivava da luz, o raio de sol ia atrás para iluminá-la, e assim repetidamente.

Logo depois, a barriga da Iurruá começou a crescer e, quando completou o período de gestação, ela deu à luz a um ovo. O ovo era tão grande que pesava quase dez quilos.

O Rei Gumuá, horrorizado com aquele ovo, jogou-o entre os cachorros e porcos. Mas os cachorros e porcos, longe de comerem o ovo, ficaram se desviando e evitando o ovo. Então, o Rei mandou jogar o ovo na estrada, mas até os cavalos e os bois que passavam também se esquivavam do ovo, sem pisar nele. Sem saber o que fazer, o Rei mandou jog­á-lo no campo, e, desta vez, não é que os animais e os pássaros se achegaram do ovo, cobrindo e protegendo-o? Finalmente, o Rei Gumuá, sem mais o que fazer, devolveu o ovo a Iurruá. Ela então o envolveu cuidadosamente num pano e o deixou num lugar quentinho.

Depois de um tempo, uma criança saiu de dentro do ovo quebrando a casca. O menino tinha um olhar muito esperto e suas feições eram vistosas, distinguindo-se de outros.

Quando cresceu e fez sete anos, o menino tinha tantos talentos que não havia nada que não soubesse fazer. De tudo, o que fazia melhor era atirar no arco-e-flecha, e sabia até fazer o próprio arco e a flecha, acertando tudo o que atirasse. Era pontaria certa todas as vezes. E naquela época em Buió do Leste, chamavam de Jumom aquele que fosse um bom arqueiro, e por isso, todos o chamavam de Jumom.

O Rei Gumuá tinha nada menos que sete filhos, que sempre brincavam com Jumom, mas nenhum dos sete príncipes tinha talento que se comparasse a ele. E não era que o Jumom era melhor do que os sete em tudo? Um dia, Desô, o mais velho deles, falou ao pé do ouvido do pai Rei Gumuá:

-- Jumom não é filho de gente. Se deixá-lo quieto assim, com certeza vai acontecer algo ruim depois. Temos que dar um jeito de sumir com nele.

Ele estava na verdade tentando incit­á-lo a matar Jumom, mas o Rei Gumuá não o ouviu.

O Rei havia incumbido o Jumom de alimentar os cavalos. Jumong escolhia os cavalos rápidos para dar pouca comida, fazendo-os definhar, ao passo que alimentava bem os cavalos mais lentos, fazendo-os engordarem. Quando o Rei veio olhar os cavalos, escolheu o mais forte deles para si, deixando para Jumom o que fosse mais magrinho. E graças a isso, Jumom conseguiu ficar com o cavalo mais ágil.

Àquelas alturas, os sete filhos do Rei, juntamente com ss súditos, bolaram um plano para finalmente matar Jumom. A mãe Iurruá, que percebeu a tramóia, instruiu o filho secretamente:

-- Fiho, as pessoas desse reino estão querendo te fazer mal, logo, logo. Com todo o talento que tem, onde é que você não conseguiria viver? Trate de partir daqui o quanto antes.

Jumom seguiu as ordens da mãe e partiu de pronto com três companheiros. Então, o turma do Desô que percebeu a movimentação logo passou a persegui-los. Jumom e seus companheiros se puseram em fuga e, quando chegaram à beira de um rio chamado Ómsu, viram que a correnteza do rio era tão forte que não iam conseguir atravessá-lo de jeito nenhum. Nesse momento, Jumom bradou em direção à água.

-- Sou neto de Habék, deus da água e filho de rei do Reino do Céu! Estou em fuga para salvar a minha vida e os meus perseguidores estão se aproximando! O que é que devemos fazer agora?

E então, de repente, inúmeros peixes e tartarugas subiram para a superfície da água formando uma ponte para eles. Com isso, Jumom e seus companheiros puderam atravessar o rio pisando sobre as costas de peixes e tartarugas. E assim que eles passaram para o outro lado, a ponte logo se desfez, e a turma do Desô acabaram sendo parados pela água.

Desse modo, Jumom e seus companheiros que se salvaram chegaram a um lugar chamado Jorbon, onde erigiram um novo reino e estabeleceram uma nova capital. Contudo, como estavam erigindo um reino de mãos vazias, não tinham condições de construir um palácio grande, não é mesmo? Por isso, levantaram uma cabaninha às margens do rio Biriussu, e o usaram como palácio. Foi nesse tempo que nomearam o reino de Gogurió, e resolveram adotar o sobrenome Go para o Jumom. Dizem que Jumom tinha doze anos nessa época e que se tornou, mais tarde, rei de Gogurió. Dizem que ele foi um governante notável.

Dizem que no seu auge, o reino de Gogurió tinha 210.508 casas ao todo, é o que conta, por exemplo, um livro chamado Jurimjón.

Era uma vez uma serva do Rei Iómpumli, que se engravidou. Quando a serva foi se consultar com uma vidente, esta disse o seguinte:

-- Essa criança é uma criança muito nobre, e com certeza se tornará rei.

Ao ouvir isso, o rei ficou furioso e disse:

-- Essa criança não é minha. Juro que irei matá-la assim que vier à luz.

A serva então implorou ao rei aos prantos:

-- Essa criança foi concebida depois que uma energia misteriosa do céu veio até a mim. Por favor, poupe-nos a vida.

E assim, a criança veio à luz ao final de gestação. O rei considerou isso um acontecimento nada auspicioso e jogou a criança no chiqueiro. Mas os porcos esquentaram-na com sopros quentes. E quando o rei jogou a criança no estábulo, não foi que os cavalos o deram de mamar? E assim, o bebê sobreviveu até o fim e depois se tornou rei de Buió. É, tem uma história assim.

**O Rei Riócóssé, que saiu de um ovo**

Antigamente, na terra de Jinrán, havia seis vilas.

A primeira delas era chamada de Iámsán do Rio Ar, liderada por Arpióm. Ele desceu do céu pelo Pico de Pioám e se tornou o primeiro ancestral da família Lee de Gumniám.

A segunda vila se chamava Gorró do Monte Dor, chefiada por Sobórdori, que desceu do céu pelo Monte Riómsán e se tornou o primeiro ancestral da família Jung de Sariám.

A terceira vila era Desu do Monte Mu, e Guriemá era o nome do seu líder. Ele desceu do céu pelo Monte Ii e se tornou o primeiro ancestral da família Son de Jómniám.

A quarta vila era Jinji do Monte Ja, chefiada por Jibekô, que desceu do céu pelo Monte Ruá e se tornou o primeiro ancestral da família Choi de Bonpi.

A quinta vila era Gari do Monte Gum, liderada por Jitá. Ele desceu do céu pelo Monte Miómruar e se tornou o primeiro ancestral da família Bae de Rángui.

A sexta e última vila era Gôia do Monte Miómruar, cujo chefe era chamado de Rojin. Ele desceu do céu pelo Monte Gumgám e se tornou o primeiro ancestral da família Seol de Supi.

Pelo visto, todos os chefes dessas seis vilas haviam descido do céu.

No primeiro dia do mês de março de um certo ano, os líderes das seis vilas se reuniram numa colina perto do Rio Ar junto com seus familiares para debaterem um assunto importante:

-- Hoje, governamos cada um as suas próprias vilas, sem um rei que esteja acima de todos nós. Por isso, o povo não tem respeito por nós e fazem o que bem entendem, o que está se tornando um grande problema. Que tal encontrarmos alguém com virtudes para proclamá-lo rei, unindo, assim, as seis vilas em um único reino e fundar uma capital?

Disse um deles. Todos acharam por bem seguir essa ideia e subiram para um lugar alto, de onde ficaram observando ao redor. Após observarem por um bom tempo, notaram uma energia misteriosa, parecendo um raio luminoso, perto de num poço chamado Na debaixo do Monte Iám ao sul. E viram um cavalo branco ajoelhado ao lado do poço, tão branco a ponto de ofuscar os olhos, prestando reverências com a cabeça repetidamente.

Todos acharam aquilo muito estranho e correram até o poço. Quando chegaram perto, avistaram um grande ovo cor de vinho! E assim que viu as pessoas correndo em sua direção, o cavalo que estava do lado deu um relincho bem longo e subiu para o céu.

As pessoas resolveram quebrar ovo. Do ovo saiu um menino que tinha um rosto muito bonito e bem apessoado. Assustados e assombrados, levaram a criança até um riacho que ficava ao leste e deram-lhe um banho. Quando ficou todo limpo, o corpo do menino passou a emitir uma luz bem luminosa. Então, pássaros vieram voando de todas as direções dançando, o céu e a terra estremeceram, o sol e a lua se iluminaram e o mundo inteiro ficou muito muito claro. Os homens então chamaram o menino de Riócóssê e colocaram o título de Góssirrán em seu nome. Pois Riócóssê significa “governar o mundo com luz luminosa” e Góssirrán é um título usado para elevar o nome do rei.

Aí, todas as pessoas do reino correram para felicitar o ocorrido, dizendo:

-- Agora que desceu o filho de Deus do Céu, devemos encontrar uma rainha cheia de virtudes para se tornar seu par.

Coincidentemente, nesse mesmo dia, apareceu um dragão em forma de galo ao lado de um poço chamado Arióm em Sariám, e pariu uma menina pela sua cintura esquerda. A menina que o dragão pariu tinha um rosto muito lindo, mas tinha um único defeito. Qual era? É porque tinha os lábios parecendo exatamente com o bico de um galo. E aí, as pessoas levaram-na para um riacho que ficava ao norte de Uorsóm, onde lhe deram um banho. Aí, o bico dela caiu e apareceu por inteiro o lindo rosto da menina. A partir desse momento, as pessoas passaram a chamar o riacho de Bartchón. É porque esse nome significa “uma água em que alguma coisa caiu fora”.

Em seguida, construíram um castelo na encosta oeste do Monte Sul, para onde levaram as duas crianças sagradas para criar. Como o menino saiu de um ovo, e esse ovo tinha o formato de uma cabaça, deram-lhe o sobrenome de Park. É porque os camponeses da roça chamam de “park” o fruto com o qual se faz a cabaça. E a menina foi chamada de Arióm, pois saiu do poço que tinha este nome.

Quando os dois cresceram e completaram treze anos, o menino foi proclamado rei e a menina, rainha. O reino foi nomeado Sórabór. Também era chamado pelo nome abreviado de Sóbór. Alguns ainda chamavam de Sará e outros de Sarô. Também era chamado de Reino de Guierim, porque o primeiro rei veio de um poço chamado Guiê. Pelo visto, o poço Na também tinha o nome de Guiê, não é mesmo? O dragão parecendo galo, e que pariu a rainha, era também chamado de Guieriôm, que significa Dragão-galo, talvez porque acreditavam que Guieriôm era sinônimo de acontecimentos auspiciosos. Também dizem que quando, na época do Rei Tar-ré, nasceu Kim Arji, um galo cantou na floresta, e por isso, o reino foi chamado de Guierim, que significa “Floresta do galo”. Só bem mais tarde é que o nome do reino foi mudado para Sillá.

O Rei Riócóssê governou por 61 anos e depois subiu para o céu. Dizem que depois uma semana, seu corpo caiu para a terra e se espalhou. E logo depois a rainha também faleceu.

Quando as pessoas do reino quiseram enterrar o rei e a rainha juntos, surgiu uma cobra enorme não se sabe de onde e ficou perseguindo-os, atrapalhando o funeral. Sem ter mais o que fazer, tiveram que enterrar o rei partindo o seu corpo em cinco pedaços. E é por isso que acabou ficando cinco túmulos para o rei, que também recebeu o nome de Orum, que significa Cinco-túmulos, ou ainda Sarum, que significa Túmulo de Cobra, porque ficou desse jeito por causa da cobra.

Depois do Rei Riócósê, sucedeu o trono o Rei Namrê.

**O Rei Tar-ré, que veio do mar a bordo de um navio**

Esta história aconteceu na época do Rei Namré do reino de Sillá, muito tempo atrás.

Um dia, um navio desconhecido apareceu no mar do reino de Garak, que ficava ao sul de Sillá. O Rei Surô de Garak foi até a praia, juntamente com os súditos e o seu povo, e mandou que tocassem tambores para recepcionar o barco. Porém, ao ouvir o barulho dos tambores, o barco mudou repentinamente de direção e saiu em disparada para longe. Para onde? O barco seguiu para um porto chamado Ajin, na vila de Rassóji, na costa leste de Sillá.

Nesse tempo, em Ajin, vivia na beira de um riacho uma velhinha, que tinha o nome de Ajinissón. Ela era justamente a mãe do barqueiro que remou o barco de Riócóssê. Um dia, ela viu um bando de pássaros pega-rabuda em cantoria lá pelos lados do mar e pensou: “Mas que estranho, nesse mar não tem rochedo… Como é que essas pegas-rabudas estão aí no meio do mar cantando desse jeito?”

Aí, pegou um barquinho e foi remando para ver. Quando chegou perto, viu que as pegas-rabudas estavam cantando em bando não em um rochedo, mas sim num barco desconhecido. Achou aquilo muito estranho e subiu no barco para investigar. Dentro do barco havia um grande baú, de uns dez metros de comprimento e mais de seis metros de largura!

A vovó Ajinissón puxou o barco para a praia e o amarrou debaixo de um mato. E como é que ela ia saber se aquilo era coisa boa ou ruim? Então, fez uma reza para o céu com toda devoção e começou a abrir o baú. Mas o que é isso? Dentro do baú estava um menino muito bonito. Também havia ali dentro sete tipos de jóias raras, e ainda um monte de servos. A vovó Ajinissón levou todos para a sua casa e cuidou deles muito bem por sete dias.

Ao cabo de sete dias sendo cuidado com todo o carinho, o menino finalmente abriu a boca:

-- Eu sou de um reino chamado Iômsóm. Desde os tempos antigos, tivemos nada menos que vinte e oito reis-dragões no nosso reino. Todos eles nasceram em forma de gente, subiram ao trono com cerca de seis anos de idade e governaram o povo com sabedoria e liderança. No nosso reino havia oito classes de pessoas segundo a sua nascença, mas todos podiam ser rei sem ser discriminado pela origem. O meu pai Ramdarpá foi um desses reis-dragões, que se casou cedo com uma princesa do reino de Jómnió. Mas não conseguiu ter filhos por muito tempo até que, depois de sete anos, a minha mãe deu à luz a um grande ovo. Meu pai reuniu os súditos e disse: “Uma mulher humana parir um ovo foi, desde sempre, um acontecimento bizarro. Não pode ser uma coisa benéfica”. Logo, mandou fazer um baú e colocou o ovo dentro. Colocou junto jóias e servos, e botou no mar. E fez uma prece: “Vá, aporte em qualquer lugar que seja de seu destino, erija um reino conforme a sua vontade e forme o seu próprio lar”. E foi desse ovo que eu nasci. Por coincidência, apareceu no mar um dragão vermelho que protegeu e guiou este barco até eu chegar aqui.

Assim que terminou de falar, o menino subiu para o Monte Torrám puxando uma bengala, acompanhado de dois servos. Ali, fizeram um túmulo de pedra onde permaneceram por sete dias. Ao mesmo tempo, ficaram observando a região do alto, procurando um bom lugar para viver, até que viram uma colina em formato de lua crescente debaixo da montanha. Rapidamente, desceram até o local mas, ali, já vivia um homem chamado Rogom.

O menino então bolou um estratagema para ficar com a casa. Sem ninguém perceber, enterrou pedra de limar e carvão ao lado da casa, e, na manhã seguinte, foi bater na porta. E quando foi atendido, disse com o ar mais inocente do mundo:

-- Eu me chamo Tar-ré, e essa casa é da minha família, desde os tempos do meu avô.

É claro que o dono da casa deu o maior pulo, dizendo que isso não era verdade! Tar-ré, por sua vez, também ficou teimando que a casa era dele. Os dois ficaram brigando, cada qual do seu lado, é, não é, é, não é, sem conseguirem chegar a um acordo, e acabaram indo parar na casa oficial para um julgamento. O oficial perguntou ao Tar-ré:

-- Que prova você tem para afirmar que essa casa é sua?

Ao que Tar-ré respondeu:

-- A nossa família originalmente era de um ferreiro. Uma vez, toda a família foi morar numa outra vila por um breve tempo, mas um outro se apoderou da casa nesse intervalo e ficou vivendo nela. Se escavarem o pátio da casa, virão que estou falando a verdade ou não.

Seguindo as palavras do menino, foram escavar o pátio da casa e, dito e feito, encontraram enterrados pedra de limar e carvão. Então, o oficial acabou acreditando no menino e mandou Hogom devolver a casa, quem teve de obedecer a muito contragosto. E foi assim que Tar-ré, valendo-se do seu ardil, arrebatou a casa de um outro para viver.

O Rei Namré que na época governava Sillá, ouviu falar do menino e, percebendo que era alguém com muita artimanha, resolveu casar a sua filha mais velha com ele. Desse modo, Tar-ré casou-se com a princesa de Sillá.

Um dia, Tar-ré subiu no Monte Torrám e, no caminho da descida, sentiu sede e mandou o servo trazer água de um poço ali perto. O servo que voltava da fonte com a água experimentou tomar um gole antes, sem que Tar-ré visse. Mas, ai ai ai, o que é isso? O pote de água grudou em sua boca e não queria descolar de jeito nenhum! Como não houve jeito de desgrudar o pote, o servo teve que ir até Tar-ré com o negócio grudado na boca assim mesmo. Tar-ré o repreendeu e disse para nunca mais fazer aquilo, e o servo fez um juramento:

-- Daqui para frente, nunca mais ousarei beber a água antes, esteja o poço perto ou longe.

Dizem que somente assim o pote se descolou da boca e que, depois desse episódio, os servos nunca ousaram enganar Tar-ré. Até hoje existe um poço no Monte Torrám que se chama Ionê, e dizem que é justamente onde aquele servo pegou a água.

Depois que morreu o Rei Noriê, Tar-ré se tornou rei. Até então, ele tinha nome mas não o sobrenome. Depois de muito matutar por um sobrenome, acabou ficando com o de Seok, pois a palavra continha a ideia de “antigamente”, relembrando os dias em que arrebatou a casa do outro alegando que “essa casa era da nossa família de antigamente”. Outros interpretam esse sobrenome de outra maneira, pois a palavra também pode significar “pássaro pega-rabuda”, e foi graças a esses pássaros que o menino conseguiu sair do baú. Dizem ainda que o significado do nome Tar-ré vem do fato de que “Tar” significa “desvencilhar-se” e “ré”, desatar. Assim, ele teria sido nomeado Tar-ré por ter se desvencilhado do ovo e desatado o baú.

O Rei Tar-ré governou Sillá por vinte e três anos e morreu. Dizem que no seu enterro, os homens tentaram fazer a sepultura na colina do riacho Sô, mas o espírito do Rei Tar-ré apareceu e disse:

-- Não ousem enterrar os meus ossos na terra de qualquer maneira.

Aí viram que a cabeça do cadáver tinha um contorno de quase um metro e que o esqueleto chegava a quase três metros de comprimento! Ainda por cima, os dentes estavam todos grudados um no outro parecendo um bloco só e as juntas dos ossos estavam fortemente interligados. Era, realmente, a ossada de um homem forte sem igual sobre a terra.

Depois de discutirem por um longo tempo, as pessoas resolveram esmagar os ossos até virar pó e, depois, misturaram água para fazer uma massa. Com a massa, fizeram uma estátua do Rei Tar-ré, que ficou igualzinha de quando ele era vivo, e a deixaram dentro do palácio. Mais tarde, o espírito do rei apareceu novamente e ordenou:

-- Enterrem os meus ossos no Monte Torrám.

E assim, as pessoas obedeceram-no, enterrando-o no Monte Torrám.

**Iónorám e Seonió, que resgataram a luz do Sol e da Lua**

Isso aconteceu há muito tempo, na época do Rei Adalá, oitavo rei de Sillá. Numa praia do Mar do Leste vivia um casal, o Iónorám e a Seonió.

Um dia, o marido Iónorám foi até o mar para colher algas, quando de repente uma grande rocha apareceu no meio do mar e veio em sua direção flutuando sobre a água. E aí, a rocha fez Iónorám subir em si e foi levando-o para algum lugar. Depois de vagar um bom tempo por sobre o mar, a rocha finalmente chegou a um lugar, a terra do Japão.

Os japoneses, ao virem Iónorám, disseram:

-- Essa pessoa é alguém especial.

E o fizeram rei.

Enquanto isso, na sua terra natal, a esposa Seonió ficou a esperar o marido em casa. Ao ver que ele não voltava e já tarde da noite, ela saiu em busca do marido. Foi até a beira-mar e ficou procurando-o aqui e ali, quando viu uma grande rocha e, na frente da rocha, os sapatos do marido. Então, resolveu subir na rocha. Aí, a rocha, assim como fizera com Iónorám, saiu para o alto-mar levando a Seonió! E depois de vagar por um bom tempo sobre a água, chegou à terra do Japão.

Os japoneses que viram a Seonió chegar ficaram assustados e estranhados, e foram contar o ocorrido ao rei. Iónorám mandou trazê-la e a desposou rainha.

Mas dizem que nessa época algo muito estranho aconteceu em Sillá. O Sol e a Lua foram perdendo o seu brilho aos poucos e foram ficando cada vez mais apagados. O oficial, que era encarregado de observar o céu, foi até o rei e disse:

-- Isso está acontecendo porque as energias vitais do Sol e da Lua, que ficavam em nossas terras, foram embora para o Japão.

Pois não é que as energias vitais do Sol e da Lua estavam justamente com o Iónorám e a Seonió?

O rei logo enviou representantes ao Japão, para que pedissem a Iónorám e a Seonió voltarem imediatamente para Sillá. Mas depois de ouvir o representante, Iónorám disse:

-- Vir para este reino foi um desígnio do céu. Como é que eu poderia agora voltar? Veja, a minha esposa acabou de tecer uma linda seda, leve isto para dedicar um ritual para o céu, que vai acontecer algo muito bom.

E entregou a peça de seda.

O enviado do rei voltou para Sillá e contou ao rei o que aconteceu. Assim, prestaram um ritual para o céu ofertando a seda, assim como Iónorám mandara. E então, realmente, o Sol e a Lua recuperaram seus brilhos, voltando como eram antes.

O rei considerou a seda uma preciosidade e a guardou com todo o zelo no depósito do palácio, cuidando-a como um tesouro do reino. Até chamou o depósito de Guibigô, que significa “Depósito onde está guardado o precioso presente da rainha”. E o lugar onde foi prestado o ritual ao céu foi nomeado Ióm-ir-rión, que significa “Recepcionar o Sol”, ou ainda, Doguiyá, significando que ali aconteceu um grande ritual.

1. Por se tratar de um livro para crianças, foi adotado um critério de romanização próprio, buscando facilitar a leitura, ao mesmo tempo aproximando, ao máximo, a pronúncia em coreano. Encontra-se, ao final do volume, uma lista de nomes próprios segundo a romanização oficial. [↑](#footnote-ref-1)